

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Governo teme que Flávio paralise negociação com os Estados Unidos

O governo brasileiro vê risco de que o pré-candidato à Presidência da República, Flávio Bolsonaro (RJ), já tenha conseguido melar as negociações sobre o novo tarifaço que Donald Trump ameaça aplicar contra o país.

É que o pré-candidato do PL já prometeu tantas concessões aos EUA, caso vença as eleições de outubro, que o governo norte-americano pode simplesmente decidir congelar as negociações com o governo brasileiro à espera do resultado das urnas.

Há alguns sinais de que isto possa ocorrer. Até agora o governo dos Estados Unidos não informou oficialmente ao Brasil sobre o tarifaço e, nos primeiros contatos sobre o assunto, em nenhum momento os norte-americanos começaram de fato a negociar. Não deixaram claro, sobre nenhum ponto, o que exatamente querem do Brasil.

Na carta que enviou, no dia 02, ao Escritório do Representante Comercial dos Estados Unidos (USTR, na sigla em inglês), Flávio Bolsonaro pediu o adiamento do tarifaço para depois das eleições. Afirmou que, se eleito, poderá até acabar com o Mercosul.

Além disso, ele acenou com a edição de uma lei para limitar transações com pix, assim como – entre outras vantagens para os EUA – a eliminação de ta-

rifas para o etanol e a redução da carga tributária de empresas de cartão de crédito.

A divulgação da carta na semana passada, com tantas promessas de benesses aos norte-americanos em pontos tão importantes para a economia brasileira, acabou provocando uma reação negativa do empresariado que assustou o pré-candidato.

Nesta terça-feira, 07, Flávio Bolsonaro discursará por cinco minutos na audiência pública do USTR, em Washington. O início de sua fala está previsto para às 11h, no horário de Brasília. Flávio Bolsonaro será o primeiro a falar no painel, que terá ainda a participação de Roberto Azevêdo, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), e Letícia Sperb Masselli, pela Abicalçados.

O governo brasileiro não participa das audiências, mas mandou observadores. Quer ver se Flávio recua em sua argumentação ou se ele pretende manter o que disse na carta. Num primeiro momento, o chanceler Mauro Vieira já enviou ao governo norte-americano um dossiê com mais de 80 páginas rebatendo as acusações do processo no USTR. Mas poderá fazer acréscimos, dependendo do que diga Flávio Bolsonaro nesta terça-feira.

De qualquer maneira, o Palácio do Planalto avalia que a atuação de Flávio até o momento serviu como um tiro no pé em sua campanha. Primeiro, quando junto com Eduardo Bolsonaro promoveu o tarifaço; depois, com a carta pedindo o adiamento para depois das eleições e com as promessas de benesses aos EUA. Tudo isso será usado na campanha do PT, independentemente de Flávio Bolsonaro recuar ou não.

PAULO CÉSAR DE OLIVEIRA

Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

Com a derrota, Brasil volta ao normal

Faltando menos de três meses para o cinco de outubro, dia do primeiro turno das eleições, o povo brasileiro mesmo que temporariamente se esqueceu de que vamos escolher aqueles que vão comandar o destino da Nação pelos próximos quatro anos.

Vivemos uma fanática polarização que não traz nenhum benefício ao povo, servindo apenas a interesses eleitoreiros. De um lado está, é preciso reconhecer, um dos maiores políticos que o país já conheceu, disputando um quarto mandato, o que pode ser um recorde mundial. Lula tem seus críticos - a política econômica é ferozmente criticada - mas as pesquisas apontam que ele, pela liderança popular que construiu ao longo dos anos, pode estar reeleito já no primeiro turno, sem a necessidade da disputa do segundo, marcada para 25 de outubro.

O outro lado, chamado de direita, erroneamente escolheu Flávio Bolsonaro, em detrimento de outros nomes como os ex-governadores Ronaldo Caiado e Romeu Zema. Flávio, um político inexperiente, com algumas manchas no passado – há

denúncias contra ele - foi lançado pelo PL apenas por ser filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, que domina o partido, como objetivo de manter a polarização e a radicalização da disputa. Até aqui elevem se equilibrando num segundo lugar, representando a direita. Até quando conseguirá manter-se é a expectativa no meio político.

Por enquanto, apesar da proximidade das urnas, a cabeça do brasileiro está voltada para o futebol. No dia 16 de agosto as campanhas vão para as ruas e é a partir daí que a maioria define o voto. Se a disputa da presidência está radicalizada, mesmo que ainda fria, nos estados está “gelada”.

Em Minas, por exemplo, nem as candidaturas estão definidas. Nem Lula, nem Flávio têm palanque confirmado. O líder das pesquisas, o senador Cleitinho, republicanos, disse que só anunciará sua decisão depois da Copa. O PL aguarda esta definição para decidir uma possível aliança, mesmo podendo ter um candidato próprio competitivo - é o ex-prefeito de Betim Vittorio Mediolli. E candidaturas postas mesmo só a do governador Mateus Simões, que segundo seu marqueteiro Paulo Vasconcelos vai crescer agora depois dos 100 dias visitando o interior, e de Gabriel Azevedo, MDB, que poderá ser o palanque de Lula no estado.

EDITORIAL

Política e futebol não podem caminhar juntos

A Copa do Mundo sempre foi apresentada como um território onde prevalecem regras universais, igualdade entre competidores e respeito às decisões da arbitragem e dos órgãos disciplinares. É justamente essa percepção que transforma o torneio no maior espetáculo esportivo do planeta. Por isso, a decisão da FIFA de suspender os efeitos do cartão vermelho aplicado ao atacante norte-americano Folarin Balogun, permitindo sua participação no mata-mata após intensa pressão política do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, representa um episódio preocupante para a credibilidade da competição.

Ainda que a entidade sustente ter agido amparada por dispositivos de seu Código Disciplinar, a sequência dos acontecimentos torna inevitável a suspeita de que fatores externos tenham influenciado uma decisão que deveria ser estritamente técnica. A revelação de contatos diretos entre Trump e o presidente da FIFA, Gianni Infantino, somada às manifestações públicas do mandatário norte-americano comemorando a reversão da punição, alimenta a percepção de que o peso político de uma potência mundial foi determinante para alterar um resultado administrativo que, em circunstâncias normais, seria automático.

O dano provocado vai muito além de um jogo entre Estados Unidos e Bélgica. O futebol internacional depende da confiança de atletas, torcedores e federações de que as regras serão aplicadas de maneira uniforme, independentemente do país envolvido. Quando essa convicção é abalada, instala-se um ambiente de desconfiança que compromete a legitimidade de qualquer resultado esportivo. As críticas contundentes da UEFA e de diversas federações europeias refletem precisamente esse temor: se uma suspensão obrigatória pode ser revista sob pressão política, qual decisão disciplinar estará realmente protegida de interesses externos?

Não é a primeira vez que esporte e poder caminham perigosamente próximos. A história registra inúmeros exemplos de governos que tentaram utilizar grandes competições como instrumento de prestígio nacional ou influência internacional. A diferença, agora, reside na aparente naturalidade com que essa interferência ocorreu, sem o constrangimento que episódios semelhantes provocariam em outros tempos.

A FIFA carrega a responsabilidade de preservar a autonomia do futebol diante de governos, patrocinadores e pressões geopolíticas. Essa independência constitui um dos pilares de sua legitimidade. Se a entidade ceder à influência de líderes políticos conforme a conveniência do momento, abrirá um precedente capaz de comprometer não apenas esta Copa do Mundo, mas a confiança nas futuras competições.

No futebol, como na democracia, regras só possuem autoridade quando valem igualmente para todos. Quando exceções passam a depender do poder de quem as solicita, o jogo deixa de ser decidido apenas dentro das quatro linhas.

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.correiodamanha.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
 redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
 Av. João Cabral de Mello Neto
 850 Bloco 2 Conj. 520
 Rio de Janeiro - RJ CEP
 22775-057

BRASÍLIA
 ST SIBSQuadra 2 conjunto B
 Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
 Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO
 Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
 Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
 Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal